

Apresentação

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) estão derrubando as paredes das salas de aula das nossas escolas e universidades, fazendo com que professores e alunos ingressem no espaço virtual. O jovem aluno não procura mais o conhecimento bem estruturado e de fácil acesso nos livros didáticos, mas no imenso universo do hipertexto. Diante dessa realidade, o aluno tem que reaprender a estudar e o professor a ensinar.

É esse desafio que a equipe do Nutae – Núcleo de Tecnologias Aplicadas à Educação – da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), juntamente com colegas, professores e pesquisadores em outras universidades, apresenta na coletânea “Sala de aula e tecnologias”.

O projeto inicial tinha como objetivo relatar a experiência do Nutae em seu trabalho com tecnologia na educação e, particularmente, com a educação a distância. Porém, a colaboração da Professora Dra. Vera Barros de Oliveira, da Faculdade de Psicologia da Umesp, permitiu abrir o livro a professores e pesquisadores de outras Universidades – Professora Dra. Beatriz Leonel Scavazza, da PUC de São Paulo, Professoras Dras. Cleci Maraschin e Margarete Axt, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora Dra. Lucila Pesce, da PUC de São Paulo. Essa decisão ampliou o campo da experiência à reflexão teórica necessária.

A obra é composta de três partes. A primeira apresenta as implicações das novas tecnologias. Desenvolve

considerações sobre metodologia da mediação a distância e sobre a relação do acoplamento tecnológico e a cognição. A segunda parte descreve a experiência do Nutae na área de Educação a Distância, na capacitação dos professores, no uso de portais educativos e na dependência on-line. A terceira parte relata o percurso da rede do saber na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e o trabalho realizado pelo Nutae com os professores das redes municipais do Grande ABC.

A importância de se traçar o novo perfil do setor educacional frente às contínuas e rápidas transformações informático-midiáticas é levantada por Luciano Sathler Guimarães. O autor observa o esforço de planejadores e pensadores envolvidos com a Educação, assim como de gestores de escolas e instituições de ensino superior, para acompanharem esse ritmo acelerado, e, como diz, “não perderem o trem da história”. Traz para seu texto a discussão sobre *Sociedade da Informação* e *Sociedade do Conhecimento*, apontando o questionamento de esta última estar vinculada, para alguns, a classes dominantes, sendo no fundo, uma Economia do Conhecimento. Reflete sobre a necessidade das mudanças introduzidas serem feitas longe de um pensamento autoritário, ou de uma pressa impensada, mas calcadas numa visão interdisciplinar que, antes de implementar alterações, busque conhecer melhor os valores éticos institucionais, os padrões culturais e contextuais, os objetivos e visão de futuro da instituição, para que defina melhor como construir seu modelo institucional, visando manter-se em relação efetiva com idéias e contextos externos, via informática.

Dando continuidade, e ao mesmo tempo ampliando esta discussão, Cleci Maraschin e Margarete Axt consideram como a idéia da permanência de práticas e

modos de agir entre professores-alunos-conhecimento vem sendo modificada por novos dispositivos tecnológicos, que se multiplicam. As autoras perguntam “como as relações, a aprendizagem, os saberes, podem ser afetados com a convivência com a tecnologia?”. Buscando responder a essa questão, mostram o intrincado e dinâmico entrelaçamento entre cognição e tecnologia. Acompanhando suas trajetórias, verificam uma perturbação mútua e recíproca, ao caminhar para frente, produzindo alterações na forma de aprender. Nesse sentido, a informática não é vista apenas como um meio para se aprender ou conhecer algo, mas é parte intrínseca, constitutiva, do próprio modo de conhecer. Em texto denso e fluente, acompanham o processo do acoplamento cognição-tecnologia, mostrando ao final como o desenvolvimento dos instrumentos técnico-científicos pode agilizar o pensar em novas soluções, inclusive em relação a problemáticas sociais, mas também, o quanto este desenvolvimento exige que as instituições sociais se apropriem devidamente desse novo instrumental, visando operacionalizá-lo no sentido de uma aprendizagem efetiva.

Enfocando a interação entre mediadores e professores em formação, via *web*, Lucila Pesce e Vera Barros de Oliveira descrevem e analisam estudo realizado pela primeira autora, Pesce, dentro do Programa Especial de Formação de Professores do Ensino Fundamental I, em nível superior, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. A partir de abordagem sócio-histórica da linguagem e visão crítico-reflexiva do educador, de textos e contextos, o texto introduz o conceito de *dialogia digital*, caracterizando a mediação a distância que se processa por meio de comunicação efetiva e afetiva.

Após apresentar breve histórico da Educação a Distância (EAD) e de seu entrosamento com a história da mídia, Jacques Vigneron descreve a política da Universidade Metodista, para a formação dos professores envolvidos no projeto de EAD. Acompanha a passagem da visão da educação a distância, inicialmente como mera alternativa aos tipos como *verdadeiros cursos*, no caso, os presenciais, para pouco a pouco compreender que se trata de um projeto de formação ao longo da vida, com possibilidades de desdobramentos sucessivos e plurirreferenciais. Como diz o autor, “Pensar na formação a distância é querer o desenvolvimento do homem em todas as suas dimensões e o desenvolvimento de todos os homens”. Nessa visão, o campus universitário torna-se um núcleo de redes de aprendizagem, no qual parcerias para estudo e pesquisa se constroem, utilizando-se dos mais variados recursos, presenciais e a distância, garantindo ao estudante a troca e o crescimento contínuo.

A seguir, Eduardo Penterich descreve as grandes transformações pelas quais passam as relações interpessoais e interinstitucionais, sobretudo na EAD, com o surgimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Relata como, na Universidade Metodista, foi desenvolvido o Sistema Integrado de Gestão de Aprendizagem (SIGA), visando dar suporte a alunos e professores, de forma complementar ao ensino presencial. Comenta como a experiência com o SIGA aponta para a necessidade de se repensar os diversos papéis dos envolvidos no programa, da equipe técnica à comunidade como um todo, abrindo um rico debate.

Também refletindo sobre uma experiência na Umesp, Luciano Venelli Costa comenta situações em que

uma disciplina não se encaixa na grade horária regular dos alunos, como no caso das dependências ou das adaptações curriculares. Seu texto apresenta uma avaliação feita por alunos da dependência on-line. Por meio de um questionário de perguntas abertas, os alunos demonstraram valorizar principalmente a agilidade no retorno do professor, a clareza das informações e a coerência entre o conteúdo e as exigências do curso.

Abrindo o terceiro e último bloco do livro, Beatriz Leonel Scavazza relata o impressionante caminho percorrido pela Rede do Saber, uma iniciativa inédita da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo para a promoção, capacitação e formação de professores da rede pública. Este programa conta com a gestão operacional da Fundação Vanzolini da USP, sendo a profa. Beatriz coordenadora executiva da Diretoria de Gestão em Tecnologias Aplicadas à Educação. Já com 100 ambientes de aprendizagem no Estado, estrategicamente espalhados e conectados de forma ininterrupta, permite a conexão de 12 mil pessoas por período/dia. Acompanhar com a autora a trajetória bem sucedida dessa experiência, possibilita compreender melhor a importância da boa gestão na implantação e desenvolvimento de projetos com vistas à formação continuada e ao ensino a distância.

Voltando seu foco novamente para a Umesp, Maisi Garcia Sathler Rosa relata experiência na qual a Metodista convidou professores da rede pública estadual e municipal do Grande ABCDMR (Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra) para uma jornada de atualização profissional. Esse movimento de aproximação da Universidade com a Educação Básica gerou frutos para

ambos os lados. A experiência criou uma situação favorável ao questionamento e reflexão em conjunto sobre o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, além de ter criado um clima de troca afetiva entre as pessoas.

Encerrando o livro, ainda com uma experiência em São Bernardo do Campo, a professora Fátima Peres de Araújo, da Secretaria Municipal de Ensino, inicia seu texto escrevendo sobre o Programa Tecnologia da Informação, baseado no *Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação no Século XXI* para a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Unesco*). Programa este que objetiva a formação integral do ser humano, numa visão de educação ao longo da vida, valorizando quatro aspectos da aprendizagem: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Descreve o Laboratório de Tecnologia da Informação, como espaço de construção do conhecimento. Relata experiência junto a professores, com células temáticas, voltadas para o contexto histórico vivido, buscando o exercício da ética e da cidadania.

Boa leitura!

Jacques Vigneron
Vera Barros de Oliveira
Organizadores